ANO I N.º 5
Número avulso 5$00

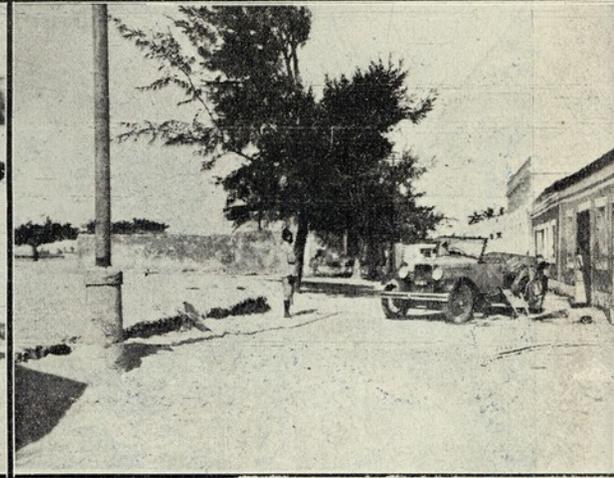
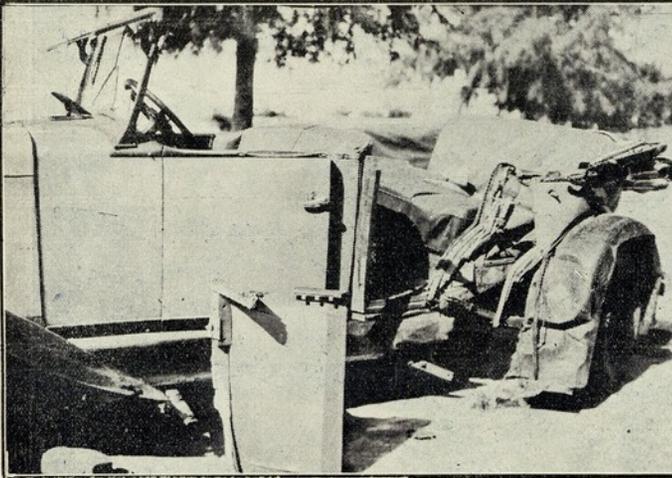
LOURENÇO MARQUES
1 de Junho de 1933

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica
Director — SOBRAL DE CAMPOS
Sede — Praça 7 de Março

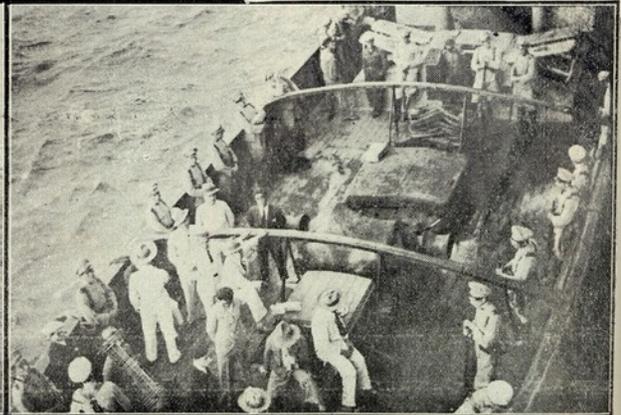
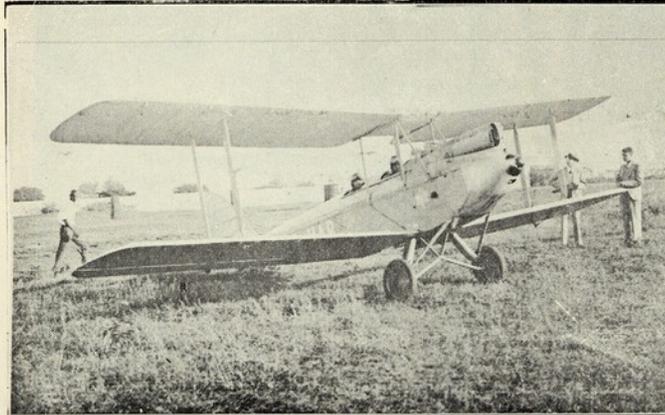
NO JAPÃO — Quando as cerejeiras florescem...

actualidades da Colónia

EM CIMA — Um grupo de pessoas que ofereceram um almoço de despedida, no Carlton Hotel, ao tenente de cavalaria, sr. João Amado, que seguiu no gozo de licença para a Metropole.

O desastre de automovel ocorrido recentemente em Moçambique, em que perderam a vida duas pessoas. A' direita: o carro depois do desastre, vendo-se os estragos causados pelo choque com o poste de iluminação. A' esquerda: o poste onde o carro foi bater e o carro virado em sentido contrario ao da marcha que seguia — posição em que ficou depois do desastre.

O «team» dos solteiros do Sporting Club de Lourenço Marques que fez recentemente um jogo com um «team» de casados do mesmo Club.

EM BAIXO — O avião «Gaza II», que, tripulado pelo aviador civil sr. Manuel Rocha, e levando como passageiro o sr. Calçada Bastos, foi representar o Aero Club de Moçambique no «Rally» aereo de Blantyre.

Os deportados politicos que vieram clandestinamente a bordo do «Moçambique», no rebocador «Polana», que os foi buscar ao largo.

Pelo discurso que Hitler proferiu há uma dezena de dias — discurso de que a nossa imprensa, como a de todo o mundo, se ocupou largamente — estará arredada, por muito tempo, a hipotese terrificante de uma horrorosa conflagração mundial? Na verdade, tudo indicava que a catastrofe se avisinhava, que estava mesmo iminente e que breve, por terra, pelos mares e pelos ares, a metralha ditaria a sua lei fatal. E, como por encanto, de um para outro momento, sob a misteriosa influencia das palavras dum homem — transmitidas, celeres, aos quatro cantos do mundo, admiravel século este em que vivemos! — foi um rápido, fulminante desanuviar dos negrumes apavorantes da medonha tempestade e um respirar fundo, de alivio, de muitos milhões de peitos oprimidos. Se, por um lado, o facto registado representou um bem, pelo afastamento da hipotese da guerra, que parecia inevitavel e á porta, por outro lado é deploravel como triste e deprimente sintoma duma época que nos apresenta o futuro duma humanidade de escravos á mercê da influencia, do poder pessoal de meia duzia de homens, de cujas palavras, de cujas atitudes, de cujos simples gestos depende o equilibrio — ou o desequilibrio, a confusão e o caos do mundo inteiro!...

Mas estará arredada, na verdade, por muito tempo, mercê desse discurso, a ameaça duma conflagração internacional?... Neste periodo de constantes, de diárias surpresas em que vivemos, nada oferece consistencia, nada inspira confiança, nada pode trazer tranquilidade aos espiritos observadores. E nós somos daqueles que — sem armarmos em mais perspicazes do que outros e sem querermos fazer profecias, de resto pessimistas — não acreditam numa longa acalmia, considerando o caso apenas como um simples compasso de espera, pois qualquer inesperado acontecimento pode desfazer, dum momento para o outro, o que se fez agora dum para outro momento... O organismo internacional é hoje como uma máquina duma extrema e estranha sensibilidade sobre a qual actuam, duma forma extraordinária e em qualquer sentido, os mais insignificantes acontecimentos, não sendo possivel calcular-se até que ponto, e com que intensidade e com que consequencias se fará sentir a repercussão molecular de qualquer facto, atravez das complicadas e variadas peças das suas engrenagens...

* * *

De resto... Hitler e a sua Alemanha militarista, fanatisada e sedenta de desforra, não nos podem trazer a minima parcela de tranquilidade. Formidavel está sendo a propaganda que os sequazes de Hitler estão fazendo, por todo o mundo e em todas as linguas, sobre as intenções nobres e pacificas da sua politica interna e externa... Nós proprios, aqui, em Africa, nesta nossa Provincia de Moçambique, temos assistido, nestes ultimos dias, a uma verdadeira inundação de panfletos — quási todos em mau português, mas em português para que ninguem os ignore — pelos quais Hitler e os seus nazis pretendem destruir as acusações que por toda a parte se têm erguido contra eles. Que essas acusações são falsas, que não têm base — assim o afirmam. Que não têm praticado atrocidades contra os judeus, que não cubiçam os territorios doutras nações, nem querem, por nenhuma forma, perturbar a paz do mundo...

Todavia... — não o esqueçamos:

... Ainda há cerca dum mês, «O Século», ocupando-se largamente do alarme recentemente lançado sobre a partilha das nossas colónias, recordava uma sensacional reportagem do jornalista francês Henri Jeanson — feita há quási dez anos e a que toda a Imprensa da França deu um notavel relevo — pela qual claramente se podia e pode aferir dos designios do hitlerismo. Das conversas que esse arguto e audacioso jornalista teve, em 1923, em Roma, — numa intima convivencia, que habilidosamente soube cultivar — com Luedeck (ao tempo o colaborador imediato e o representante de Hitler, a quem a imprensa fascista tecia os mais rasgados elogios) resultou o conhecerem-se, nitidamente, os propositos dos nazis, já então conduzidos e chefiados pelo actual chanceler alemão. São dessa curiosa reportagem as seguintes passagens que recortamos de «O Século» e que é necessário que tenhamos bem presentes:

«E Luedeck continuou: — Dois partidos imensos lutam um contra o outro. Dum lado a internacional dos judeus marxistas, do outro lado o nacionalismo radical, que está representado e mais concentrado na Alemanha, e de que Hitler é o chefe. Pela primeira vez na historia do mundo, o sentimento anti-semita se elevou a uma clarividencia pensada e organizada. Os judeus reconheceram, já, que este movimento se tornou perigoso.

«É preciso destrui-los. É preciso massacrá-los.

«A Alemanha experimentará uma brutal ditadura, que será inspirada na de Lucius Cornelius, na Roma antiga. Para restituir a nossa pátria á liberdade do interior e do exterior e para fazer respeitar os direitos do povo alemão, empregaremos todos os processos. Vamos secularizar os bens dos judeus e iremos, até á Russia, exterminar os ultimos sobreviventes.»

E entusiasmado:

«Todo o povo deve satisfazer os seus apetites. Portugal, por exemplo, tem colónias, de que não sabe utilizar-se, emquanto a Alemanha e a Itália do «grande Mussolini» não sabem onde alojar os seus subditos.»

A que vem, pois, os insistentes e retumbantes desmentidos dos seus panfletos de agora?!... Para que nos dizem os nazis e o seu... «Lucius Cornelius», que não têm perseguido os judeus nem exercido contra eles atrocidades?... Para que nos dizem que não cubiçam os territórios que constituam patrimonio doutras nações?... Como nos querem fazer acreditar que não pretendem perturbar a paz do mundo?... Acaso, com a subida ao poder, destruiram, anularam, voluntariamente e por completo, toda a substancia do programa que os norteou durante mais de uma dezena de anos?!... Quem pode crê-lo?... Nós, não! E é por isto mesmo que — sem armarmos em Bandarra... — não podemos acreditar na sinceridade das palavras do discurso de Hitler e que consideramos o resultado desse discurso apenas como um compasso de espera colocado entre as possibilidades duma nova conflagração...

* * *

Foi, sob todos os titulos, notavel o discurso proferido pelo sr. Ministro das Colónias, dr. Armindo Monteiro, no Congresso Colonial Internacional recentemente realizado em Lisboa.

Dessa esplendida e detalhada lição — que devia ser vulgarizada, em folha solta, por todo o Portugal e Ultramar e traduzida em alemão e em italiano para com ela se inundar a Itália e a Alemanha — destacamos apenas estes periodos que, não sendo dos mais importantes, são, talvez, aqueles que mais directamente se prendem com o assunto desta cronica, em resposta ás cubiças estrangeiras, tão descabeladamente manifestadas:

«É preciso desvanecer o erro de supor que a posse de colonias pode dar a qualquer povo solução ao problema da colocação dos seus excessos demograficos ou dos seus capitais inactivos, êrro que pode ser de consequencias trágicas para o futuro de toda a obra colonizadora moderna.»

... ...

«Há longos anos que algumas das nações de mais forte população possuem no continente africano vastas colónias. Se examinarmos, ao fim de porfiado trabalho nelas desenvolvido, os resultados alcançados, com desanimo verificamos que estão abaixo do minimo que, com pessimismo, se devia calcular.

«A emigração só vagarosamente acode ao apelo dos países africanos. E constata-se que povos que longa e asperamente lutaram pela posse de colonias, não têm, afinal, todos os colonos que quereriam. Os grupos dos seus nacionais estabelecidos no estrangeiro são muito mais importantes e numerosos do que os que tomaram o rumo dos territorios adquiridos na Africa, na Asia ou na Oceania.

«Ao lado deste facto, convem referir um outro, para mostrar a inanidade da tese dos que vêem nas colónias possiveis sorvedouros de população. É que muitos dos grandes países europeus começaram a interessar-se pelas actividades ultramarinas, precisamente no momento em que as cifras mostravam que o desequilibrio demográfico tinha desaparecido diante do desenvolvimento industrial. Certos países entraram na vida colonial quando a sua emigração tendia já a desaparecer; e a sua população não sentiu a influencia das aquisições ultramarinas.»

Todavia..

Os numerosissimos Luedecks, deturpando a nossa obra colonizadora e desnudando as suas ambições, continuarão a dizer, na sua crassa e perigosa ignorancia:

«Portugal, por exemplo, tem colónias de que não sabe utilizar-se, emquanto a Alemanha e a Itália do «grande Mussolini» não têm onde alojar os seus subditos...

Casamento elegante

Na Igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição realizou-se no dia 17 de Maio o enlace matrimonial de Melle. Maria Fernanda Vasconcelos e Sá Ferreira, filha do capitão do porto, comandante sr. Vasconcelos e Sá, e de sua esposa, Madame Marcela Vasconcelos e Sá Ferreira, com o tenente de infantaria sr. Manuel Bruno Machado.

Os noivos com as damas de honor à saída da Igreja.

O 1.º de Maio em Londres — Uma parte dos manifestantes no Hyde Park

O 1.º de Maio em Berlim — Um aspecto da multidão saudando, à maneira nazi, o chanceler Hitler e o presidente Hindenburg

O 1.º DE MAIO

O 1.º de Maio — dia de protestos e reivindicações do proletariado — foi comemorado como de costume em todo o mundo.

Em Londres, os partidos trabalhista e comunista realizaram, no Hyde Park, uma grande parada de forças que atingiu umas dezenas de milhares de manifestantes. Houve tambem um grande e compacto desfile de desempregados, mas todas essas demonstrações se efectuaram sem que se registasse qualquer perturbação da ordem.

Em Berlim, o 1.º de Maio ficou assinalado, este ano, pela grandiosa «Festa do Trabalho», organizada por Hitler, na qual tomaram parte cerca de 80.000 trabalhadores. Tambem na capital alemã, como na de Inglaterra, se não registou, nesse dia, qualquer alteração da ordem, tendo os festejos — paradas militares, jogos desportivos, etc. decorrido no meio dum grande entusiasmo.

Ha que notar-se, porem, a diferença do caracter das manifestações operárias realizadas nas duas grandes capitais:

Em Londres, são os trabalhistas, os comunistas e os desempregados que ordeira e disciplinadamente se reunem e formulam os seus protestos, em plena liberdade. Em Berlim, é o ditador, com as suas forças nazis, que organiza os festejos depois de ter exercido sobre os comunistas uma dura perseguição, de ter assaltado e encerrado a sede do partido e de ter feito calar a sua imprensa.

Como se aprende e como se ensina o cricket, o grande desporto nacional na Inglaterra

G. HEADLEY, o famoso cricketer, ás do grupo das Indias Ocidentais actualmente em tournée na Inglaterra

A mulher e o desporto

Em cima — *Nas corridas de cavalos em Sonning, a prova de caça para senhoras.*

Ao meio — *Três garbosas criaditas de hotel, em Londres, treinando para o seu concurso anual.*

A' esquerda — *O grande steeple chase da Universidade de Cambridge disputou-se em Cottenham com um tempo execravel.*

Maternidade!

[Apontamentos para uma novela]

(Ilustrações de Vilela)

Sempre me impressionaram os loucos. Em criança, alguns, com os seus esgares estranhos, seus gestos descoordenados, seu olhar incerto e vitreo, suas palavras excitadas, suas atitudes agressivas ou seus risos imbecis, gelaram-me de pavor e povoaram-me o sono, muitas vezes, de pesadelos e de terrores nocturnos... Havia um, principalmente, — o «Zé malhado» — que aparecia a esmolar, quási todos os domingos, á porta do quintal da casa de meus pais, que se agarrou ao meu espirito e me seguia, como uma sombra espectral, pelos corredores mal iluminados, quando me ia deitar. O «Zé malhado», na verdade, — apesar de inofensivo — infundia repugnancia e pavor. Andrajoso e sujo, o seu corpo, quási nu, era coberto por uma crosta estriada e exalava um fetido de fazer nauseas. A testa curta e simiesca quási desaparecia entre grenha emaranhada, com palhas e cisco á mistura, das noites dormidas, ao calhar, por palheiros abandonados e tocas inverosimeis. Os olhos grandes, inexpressivos, vagos, rolavam-lhe nas orbitas, dando, por vezes, a impressão de que era cego. Uma assimetria facial acentuadissima apresentava-o, conforme a posição, com duas caras completamente diversas. Da boca contorcida escorria, com frequencia, uma baba viscosa. E soltava, de quando em quando, uns grunhidos estridentes, trazidos á superficie, certamente, por uma remota ancestralidade das selvas...

O «Zé malhado», na verdade, infundia repugnancia e pavor ..

Horrivel!

Não sei se foi por isto se pelo que foi, que, mais tarde, os loucos e todos os doentes mentais me interessaram imenso, e que o meu espirito se prendeu, como tomado por um vicio, ao estudo da psiquiatria e da neurologia, como se tais assuntos avultassem, mais que quaisquer outros, no exercicio da minha profissão.

* * *

De todos os loucos e loucas, porem, que desde a infancia conheci, há uma que jamais esquecerei e cuja suave expressão e triste história bastas vezes ressurge e recordo entre os canteiros do passado, floridos de saudades...

Lembro-me dela. Era eu rapaz. Conheci-a a algumas leguas da Guarda, numa aldeola, proximo das margens do Mondego, e muitas vezes a topei, errando pelos caminhos, sentada á soleira dum casebre (onde almas caridosas a recolheram) ou estirada na relva junto ás águas espelhentas do rio, que deslisavam, mansamente, entre os granitos polidos e poluidos pelo tempo...

Vinte e dois anos, apenas, tinha ela então... Loira, dum loiro de seara madura; branca, dum branco doirado pelo sol; a sua boca, de talhe correctissimo, tinha a expressão suavissima, tocada de doçura e de tristesa, de certas imagens da Virgem; e seus olhos azuis eram como pedacinhos de céu, a lembrarem-nos almas de crianças, azas macias e setinosas de pombas, fofos ninhos de pintasilgos e rouxinois e as imaculadas neves que por ali caiam nos duros invernos... Esbelta e senhoril, mesmo dentro dos modestos trapinhos lavados, recebidos por esmola, deu-me sempre a impressão de que nu, o seu corpo deveria revelar-nos a pureza de linhas da estatuaria helenica. E não exagero se disser que tinha musica no andar; e que, solta junto ao rosto, pelos ombros, quási até á cintura, a sua farta cabeleira, nós tinhamos, ao vê-la passar por entre as giestas floridas e as papoilas sangrentas, a ilusão de que uma deusa pagã descera, de lá de longe, dos montes anilados, a pisar, com os pés nus, aquelas pitorescas margens do Mondego...

De ascendencia fidalga, que em todo o seu porte transparecia, — ocultemos discretamente os apelidos da familia, de que a diziam provinda — fôra expulsa de casa, aos dezassete anos... E de longe viera, abandonada pelo homem que a seduzira, trazendo nos braços o fruto desse amor — o seu menino — que a familia e a sociedade haviam amaldiçoado, quando mesmo inda o trazia nas entranhas!...

E «o seu menino», loiro como ela, carne da sua carne, sangue do seu sangue, maravilha que parecia arrancada a um precioso retabulo e que era todo o seu encanto, que era toda a sua vida... — «o seu menino», numa madrugada gelada de Dezembro, cerrou para sempre as palpebras de seda e voou para o ceu, entre as luzes das estrelas e o suave bater de azas dos seus companheiros — os anjos que o levaram...

Fôra então a loucura — filha da sua dôr cruciantissima... E era vê-la (como eu a vi) errante pelos caminhos ou sentada á soleira do casebre, pelas doiradas manhãs ou pelos crepusculos maguados, sorridente e divina, feliz pela sua maternidade, julgando embalar nos braços «o seu menino», cujo sono vigiava num mudo encantamento...; ou conversando com ele, carinhosa, emquanto — com sublime impudor — tirava para fora da blusa o seio branco, erecto, quási virginal!...

... julgando embalar nos braços «o seu menino» ..

Outras vezes cantava — e a sua voz cristalina, ouvida de longe, pelas tardes estivais já tocadas de penumbras e de silencios, fazia pensar em pérolas e em petalas de rosas...

Quantas vezes me quedei a contemplá-la?! Quantas vezes abafei meus passos e diminui — quási suspendi por momentos — o ritmo da minha respiração, para melhor escutar as suas admiraveis canções?!... Quantas vezes, atravez da vida, tenho parado, respeitoso, em frente desta sagrada Maternidade, — tão alta, tão pura, tão grande, que conseguiu triunfar da propria loucura e subir, humana e espiritualizada, ao ceu altissimo, áquele ceu para onde «o seu menino» voou, numa gelada madrugada de Dezembro?!...

A lenda começava a criar-se, já naquele tempo: as almas simples do povo chamavam-lhe santa...

... ...

Maria Angelina! Que será feito dela?... Morreu?

Viverá ainda?...

Se vive, deve ter hoje mais de cinquenta anos...

Por certo, na soleira da porta ou pelos caminhos povoados de sombras e de claridades, continuará a embalar, no regaço vasio, «o seu lindo menino»...

E, naquela eterna e divina Maternidade, continuará a dar-lhe de mamar, desnudando o seio com sublime impudor — aquele seio escultural em que o tempo, implacavel, deve ter produzido irreparaveis e barbaras destruições de belezas...

Esta Mãi, enlouquecida pela Dor, enche-me a alma inteira. E o seu rasto de luz, deslumbrante, apaga, por completo, toda a pavorosa fealdade dos loucos da minha infancia... Bemdita seja, por isso, e pela grande lição que dela se desprende, a loucura de Maria Angelina! E oxalá que, um dia, eu saiba esculpir (em marmore, ou em bronze) a novela que estes apontamentos reclamam!...

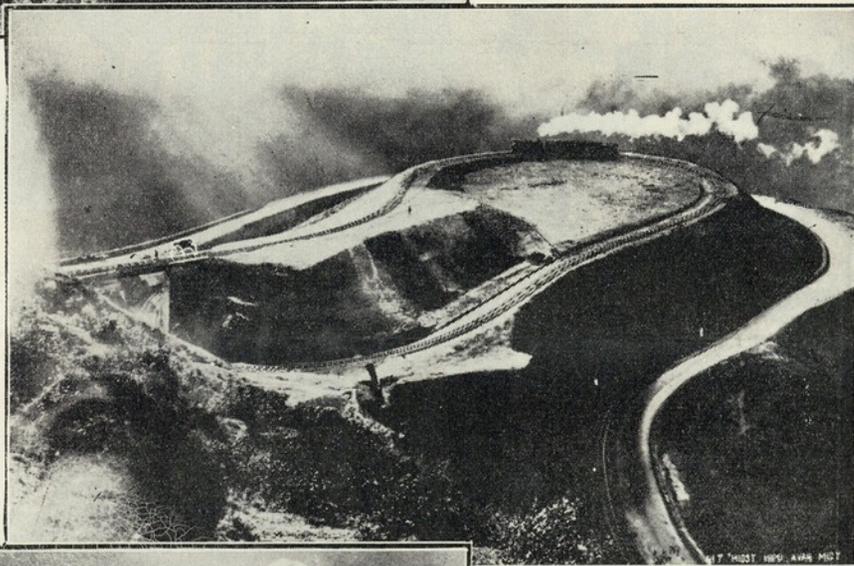
Sobral de Campos.

O monte Everest

— ou —

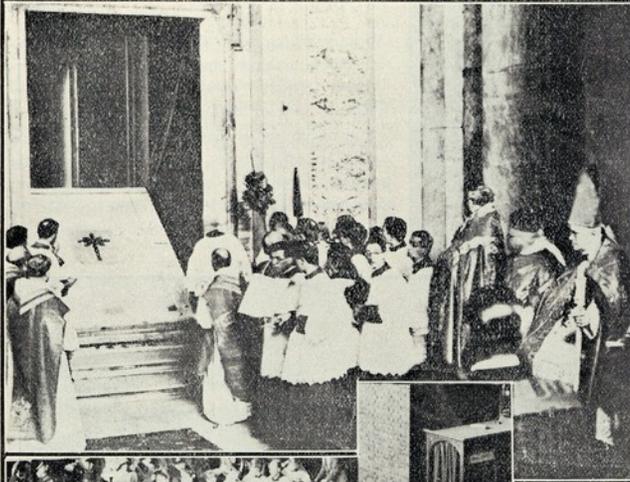
"O tecto do Mundo"

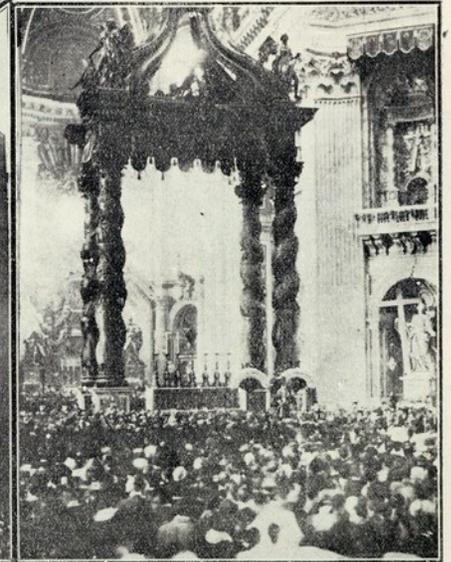
O monte Everest que, como se sabe, pertence ao Himalaia, é o monte mais alto de todo o mundo. Por isso lhe chamam, pitorescamente, — o tecto do mundo... Foi observado pela primeira vez em 1849, mas a sua altura só poude ser avaliada a partir de 1852. Mede 9:670 metros de altitude e é circundado por altos picos, entre eles o Makalu com 9:265 metros. Duas expedições têm insistido, ultimamente, na conquista do gigante Himalaia: uma por terra, outra aérea. A primeira, chefiada por Hugh Rutledge; a segunda por Houston. Uma das nossas gravuras mostra-nos o comboio do Himalaia a caminho de Darjeeling, levando os visitantes para a sede da expedição de Rutledge. Outra, uma vista geral de Darjeeling. O objectivo de Rutledge é conquistar a crista do monte.

A expedição de Houston voou, em 3 de Abril, sobre o «tecto do mundo», com alguns resultados práticos apreciaveis.

Pelas ultimas noticias, transmitidas pelo telégrafo em 20 de Maio findo, sabe-se que a expedição de Rutledge tem encontrado as máximas dificuldades na realização da sua arrojada emprêsa, só conseguindo — e com denodado esforço — avançar uma média de 100 metros por dia naquelas desabitadas e perigosissimas regiões. Num desses ultimos dias de trabalho, a expedição teve que recuar rapidamente para evitar ser surpreencida pela noite, entre a neve — o que traria uma morte certa aos seus destemidos e persistentes elementos, empenhados na conquista audaciosa do «tecto do mundo».

No momento em que a todo o instante se esperam conflagrações internacionais, em que o espirito inventivo dos homens prepara na sombra, maquiavelicamente, os mais complexos engenhos de morte e de destruição e todos vivemos á mercê da perspectiva duma nova e horrorosa guerra, outros homens, como Rutledge e os da sua expedição, sujeitando-se a mil riscos e a esforçados trabalhos, empenham-se, numa luta titanica, pela conquista de regiões quási desconhecidas e ainda não alcançadas, que virão, possivelmente, acrescentar novos capitulos aos já tão vastos dominios do saber humano.

PELO MUNDO CATOLICO

Sua Santidade, o Papa, conduzido, no seu trono, para uma das cerimonias da Semana Santa.

O Papa procedendo à abertura solene da Porta Santa na Basilica de S. João de Latrão.

A cerimonia do lava-pés.

A' ESQUERDA — 300:000 fieis aguardam, nas proximidades da Catedral de S. Pedro, em Roma, o momento de receberem a benção papal, na Semana Santa.

A' DIREITA — Uma parte de uma multidão de cerca de 50:000 pessoas que se juntou para assistir à solene abertura do ano santo.

CAMPEONATO DA A.F.L.M.

O «team» de honra do Grupo Desportivo 1.º de Maio que na abertura do campeonato bateu o L. M Athletic por 3-0

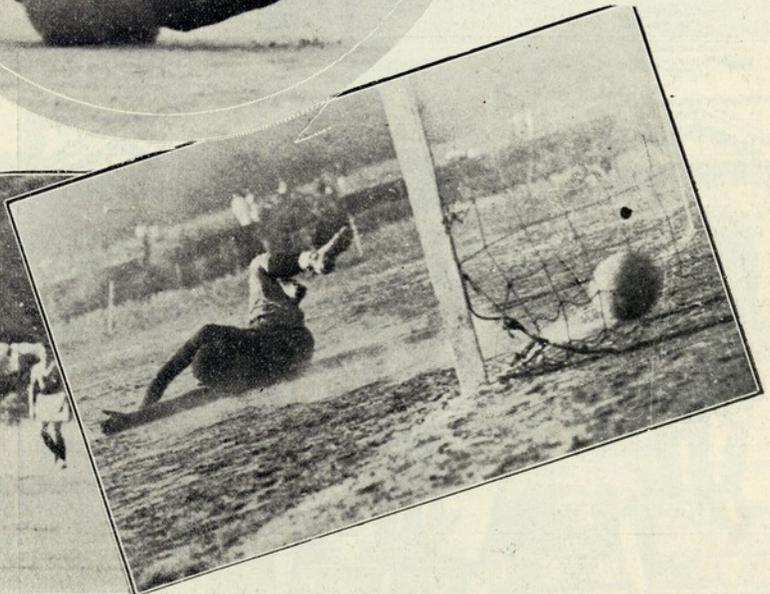
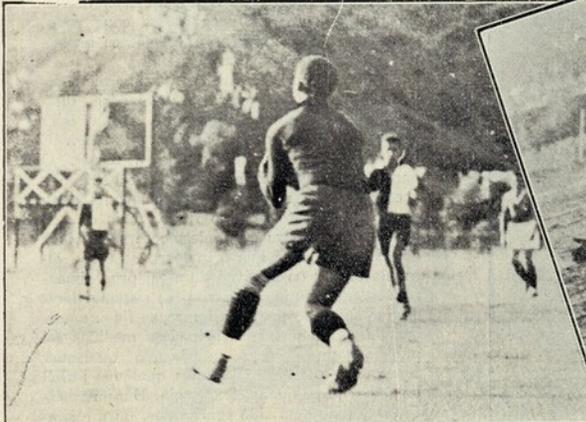
Maganinho, assiste cheio de confiança a uma boa defesa de Jacinto, em que Brito fez perigar as redes Ferro-Viarias

Henrique Tomaz que no desafio da abertura do campeonato saiu bastante contundido.

Alguns aspectos do desafio Ferro-Viario — Desportivo, na abertura do campeonato de futebol, no domingo, 21 de Maio

No circu'o — *Brito sente-se bem instalado... na espectativa de alcançar o esferico que Jacinto segura corajosamente.*

Em baixo (á esquerda — *Catolino encaixa bem a bola, mas pede ao «Chicuembo» que o não carreguem...*

A' direita — *Um bom lançamento de Catolino.. mas sem resultado.*

Politica europeia

Grande parada de tropas, em Madrid, por ocasião do 2.º aniversario da Republica espanhola — Infantaria e artilharia desfilando em frente da tribuna presidencial.

Em Londres realizou-se, no principio do mez de Maio findo, um grande comicio anti-hitleriano, ao fim do qual os manifestantes queimaram a efigie do chanceler alemão, depois de a terem conspurcado.

O aniversario natalicio de Hitler celebrou-se, em Berlim, com uma demonstração das forças nazis, seguindo estas para a catedral. A gravura mostra-nos o padre Goebbels saindo da catedral depois da pratica, vendo-se á sua direita o principe Augusto Guilherme.

Passou, em Abril, o 2.º aniversário da proclamação da Republica em Espanha. Implantada pelas urnas e pelo abandono do trono por Afonso XIII, sem o derramamento duma gota de sangue, a Republica espanhola tem tido, porém, nos dois anos da sua existencia, uma vida muito perturbada. Espanha tem sido teatro de graves e repetidas convulsões sangrentas, cuja importancia e cujo significado não podem dissimular-se.

Por outro lado, a acção governativa — embora com as Cortes abertas — tem tido, por vezes, fases de violencia e de intolerancia excessivas e aspectos... ditatoriais ..

«O regime actual não passa duma continuação ou revivescencia da Inquisição»—assim o disse, há poucos meses, o professor Unamuno, diante dum auditório de intelectuais reunidos no Ateneu. Não se perca de vista que o celebre reitor da Universidade de Salamanca — espirito liberal e cultissimo — goza duma grande autoridade desde que ousou atacar abertamente o rei Afonso XIII, muito antes da sua abdicação. Por isso o seu discurso produziu uma consideravel impressão.

«Foi nesta mesma tribuna — continua Unamuno — que eu denunciei, há mais de dois anos, os crimes da monarquia. Isso não me impede — pelo contrário, só me autorisa — de dizer que a administração sob que actualmente vivemos me recorda os piores periodos de corrupção e de arbitrio do antigo regime. Os deputados não votam nunca segundo a sua consciencia, pois recebem ordens ás quais não podem opor resistencia. Quanto ao governo, não conhece, para se manter no poder, outros meios alem do arbitrio e da policia. Os ministros não hesitam perante a idea de forjar perigos que lhes permitam pôr em prática um vasto plano de perseguições com deportações injustificadas e abolição de todas as liberdades».

* * *

Na Alemanha, sob a ditadura do chanceler Hitler, a vida — não obstante os frequentes desmentidos que de lá veem — não tem corrido menos perturbada que na Espanha. E estas ultimas palavras de Unamuno, sobre a politica espanhola, podiam ajustar-se admiravelmente á actual politica alemã.

A perseguição feita aos judeus assumiu violentas e desumanas proporções, concitando, contra Hitler, numerosos e veementes protestos, organizados em vários países.

Afinal..., quer se trate da... esquerdista republica espanhola, quer da reacionária ditadura alemã dos nazis; quer de Azana, quer de Hitler, os processos são os mesmos... E resumem-se nisto: intolerancia e terror. O paralelo é flagrante sob vários dos seus aspectos. Por exemplo: Depois do levantamento de 10 de Agosto do ano findo, mais de 100 jornais foram pura e simplesmente suprimidos em Espanha, sem que o governo se tenha dignado alegar os motivos dum tal procedimento. Hitler adoptou o mesmissimo sistema. Desde que subiu ao poder, a imprensa ficou amordaçada. Uma das suas primeiras medidas foi publicar um decreto autorizando quaisquer agentes da policia a apreender qualquer jornal ou revista, sob que pretexto seja. E numerosissimos jornais têm sido suprimidos, pura e simplesmente...

Os Cães

O cão, que desde antigas eras foi companheiro do homem e guarda dedicado dos seus haveres, tem vindo a acompanhar a evolução e a metamorfose das sociedades humanas, integrando-se nas suas mais progressivas e modernas manifestações.

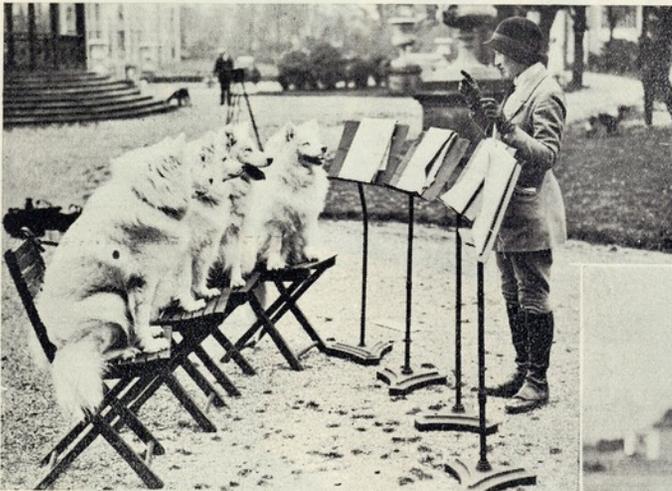
Há cães policias, há cães musicos, há cães actores de cinema... O cinema mudo registou, entre outros, o grande az, o célebre e famoso Rin-tin-tin, que constituiu, durante muito tempo, o encantamento delirante da petizada, sem deixar de conquistar a simpatia e o agrado dos adultos. O cinema sonoro tem-nos apresentado, já, várias e interessantissimas fitas com autenticas companhias de cães, desempenhando, a primor, os seus papeis, como verdadeiros azes e estrelas do ecran...

Os cães têm, tambem, um já vasto lugar na literatura... — não que eles tenham escrito (que nos conste...) livros de versos, romances, contos ou peças de teatro..., mas porque tenham servido de tema a numerosas obras literárias dos seus amigos — os homens. Ao bico da pena nos acodem neste momento, ao acaso da memoria, a esplendida poesia «O Fiel», de Guerra Junqueiro, tantas vezes recitada, impecavelmente, pelo notavel «diseur» que foi Chaby Pinheiro (hoje, infelizmente, arredado do palco); «Dingo», admiravel romance de Octave Mirbeau, precioso de observação e de estudo; as encantadoras páginas, tocadas de carinho e de emoção, ricas de pequenos detalhes, que Maurice Maeterlinck escreveu, no «Double jardin», sobre «A morte dum cãosinho»; e recentemente, entre nós, um delicioso artigo publicado no «Notícias» do Natal do ano findo, saído da pena experimentada, elegante e mordaz do sr. Barros Gomes, e, no Natal de 1929, umas interessantissimas «histórias de cães» do sr. dr. Nunes de Oliveira, ás quais ele deu todo o brilho da sua pena maleavel e afeita ao colorido literário.

A proposito da morte do cão, escreveu Maeterlinck:

«O homem é amigo do cão; mas, como ele o estimaria ainda mais, se considerasse que, no conjunto inflexivel das leis da natureza, esse amor dos cães para connosco é a unica excepção que consegue destruir, para de nós se aproximar, as impermeaveis paredes que separam as espécies! Encontramo-nos sós, absolutamente sós, neste planeta de acaso; e, entre todas as formas da vida que nos cercam, nem uma, alem do cão, se aliou connosco. Alguns seres nos temem, a maior parte deles ignora-nos e nenhum deles nos estima. Resta-nos apenas o cão, que lealmente, religiosamente, irrevogavelmente reconheceu a superioridade do homem e a ele se dedicou de corpo e alma, sem pensamento reservado, sem ideas de recompensa, guardando somente, para si, da sua independencia, do seu instinto e do seu caracter, a pequenina parcela indispensavel á continuação da vida que a natureza marcou para a sua espécie».

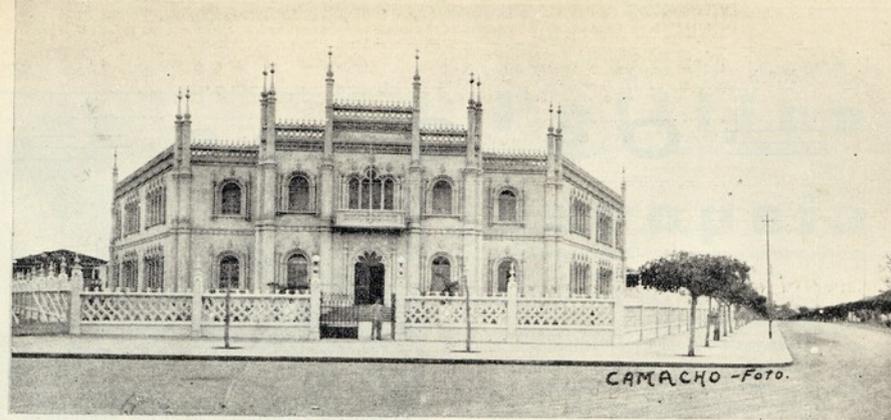
O vencedor de todos os premios no ultimo campeonato recentemente realizado em Londres pelo Club Francez do Bulldog.

Miss H. Surcock dando uma lição na sua aula de musica... canina...

O primeiro almoço de um cão com a assistencia de três pintainhos desejosos de conhecerem o mundo...

No Palácio de Cristal em Londres realizaram se há pouco excelentes provas de preparação para cães-policias. A nossa gravura apresenta-nos um magnifico salto dum lobo da Alsacia sôbre um obstaculo humano.

O MUSEU DA COLÓNIA

Dr. Cesar Fontes
Director do Museu

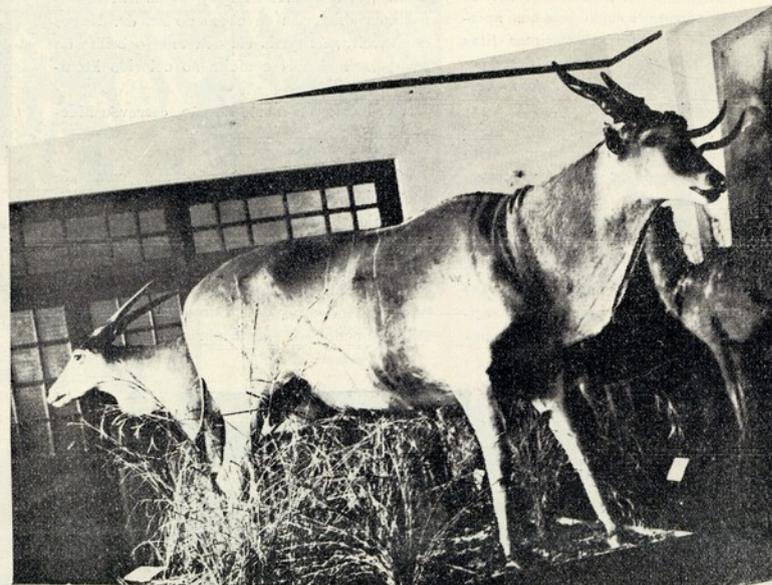
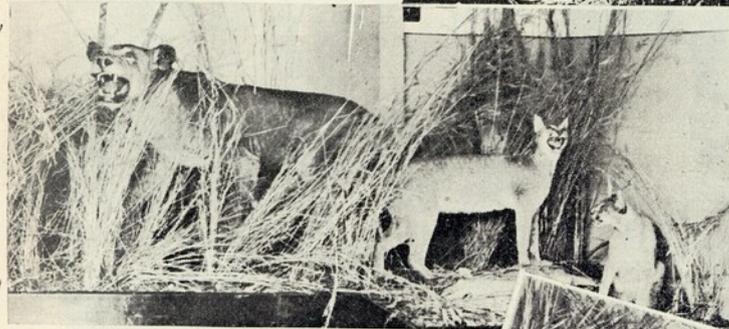
CAMACHO-Foto.

Edificio do Museu

Mostra a estatistica que o nosso Museu, a sala de visitas da cidade, continua de uma maneira crescente a interessar os estrangeiros e a população da Colónia. Imagine-se que escreveram o seu nome no livro dos visitantes, no ano de 1932, 7:695 pessoas.

Não exagerando que 50 por cento não assinou porque não quis assinar, o conjunto dos visitantes deve ter sido no ano ultimo, de uns 11:000.

Disse acima que o Museu é a sala de visitas da capital da Colónia.

Em toda a parte do Mundo, porém, um Museu — que vive da admiração do publico —, possue as suas colecções, as suas riquezas, expostas com certo luxo. É do que carece o nosso Museu — de luxo.

Não lhe faltam exemplares que fariam as delicias dos naturalistas e dos coleccionadores etnograficos de qualquer grande Museu. Ao nosso faltam-lhe as vitrines de cristal, os niquelados, passadeiras, tudo aquilo que numa palavra se chama luxo. Má vontade, negligencia de quem dirige o Museu? Resposta que é uma síntese: 33:600$00 de dotação anual! De facto com 2.960$00 mensais para pagar tudo — água, luz, pretos e todo o material, parece não ser possível fazer mais e melhor do que o que está feito.

E sabe o publico quem pagou as despesas de mudança e adaptação no novo edificio, despesas no valor de 15.000 escudos?

Foi do orçamento do Museu que saiu esta verba. Imagine-se pois o esforço de economia que este ano teve de fazer o Museu. Mas assim, não! É necessário que se não asfixie quem tem desejo de progredir mais, de fazer mais e melhor. Assim o espera a direcção do Museu de quem superiormente distribue os dinheiros da Colónia.

Em contraste, porém, tem o Museu o seu grupo de amigos — os Amigos do Museu — que lhe têm ofertado animais, colecções etnograficas, etc.

Alguns nomes, ao acaso: Dr. Mário Malheiros, Silva Pereira, José da Costa Fialho, Engenheiro F. Cabral, Julio e Humberto Fialho, os Poveiros, Leão Ferreira, Manuel de Jesus Pires, António Carvalho, Edmundo Bastos e muitos outros. Para eles o agradecimento de todos os que trabalham no Museu.

Julgo não me afastar da verdade dizendo, embora com imodestia, que nestes ultimos três anos o Museu da Colónia progrediu acentuadamente. Tem organização artistica e cientifica. Não receia o Museu a comparação sob o ponto de vista artistico — isto é de apresentação de exemplares — com muitos outros Museus.

E sob o aspecto cientifico direi que cada animal tem o seu nome cientifico, estando taxonomicamente organizadas as colecções.

Se eu disser que só a classificação das conchas — porque estão todas classificadas — demorou uns dois meses, concluir-se-á a soma de trabalho efectuado no Museu nestes ultimos três anos. Mas há mais e muito mais a fazer. O publico verifica desde já a imperiosa necessidade da ampliação do edificio. Dentro de poucos meses, com a velocidade de trabalho que se tem realizado, as salas não comportam os exemplares.

É necessário ampliar as alas, cobrir o espaço entre estas para ficarmos com uma sala modelo de exposição de grandes mamiferos, com cenografia, á maneira dos grandes Museus americanos. Temos a pele de uma girafa para preparar. O problema, porem, é complicado, pois a altura da girafa é superior á altura das salas... É preciso sem demora construir os laboratorios, pois actualmente trabalha-se em dois exiguos compartimentos, onde não são possiveis as grandes montagens.

É necessário organizar mais excursões ao mato. Doutro modo não enriquecemos com facilidade as colecções dos bizarros animais que povoam o nosso mato. Nós temos necessidade de peles, de muitas peles, não só para as montarmos no nosso Museu, mas tambem para organizar um «stock» de troca, a moeda com que havemos de pagar aos outros Museus do Mundo os exemplares europeus e americanos que, doutro modo, não podemos obter. De resto, a troca, além da vantagem referida, possue a do reconhecimento pelos grandes Museus do Mundo, do Museu de Lourenço Marques, como instituto cientifico que já é.

Para reforçar esta idea está em organização o catalogo, de que se há-de fazer — assim o espero — uma publicação ilustrada. Deste modo será este, não só uma contribuição para o estudo da fauna moçambicana, mas ainda um modo de propaganda da Colónia e o reconhecimento, como acima disse, do Museu como instituto cientifico. Pensa tambem este Museu em se acrescentar com um aquario onde vivam as multiplas e formosas espécies do Indico. É uma idea lançada. Espera a direcção do Museu chegar a acôrdo com a Camara Municipal desta cidade, a fim de que esta idea chegue á realidade. Fala-se tanto em turismo que esta é uma das formas de o realizar.

Para terminar: Não falta a boa vontade de quem trabalha nesta casa. Peão Lopes é um nome.

César Fontes.

ELAND.
O maior antilope conhecido.

Um jovem leão de 20 mêses e um casal de linces.

Uma cena de amor maternal. Leopardo fêmea e juvenil

Mangueos listrados instalados numa termiteira.

Uma tragédia da selva. Pitão atacando um Xipeni.

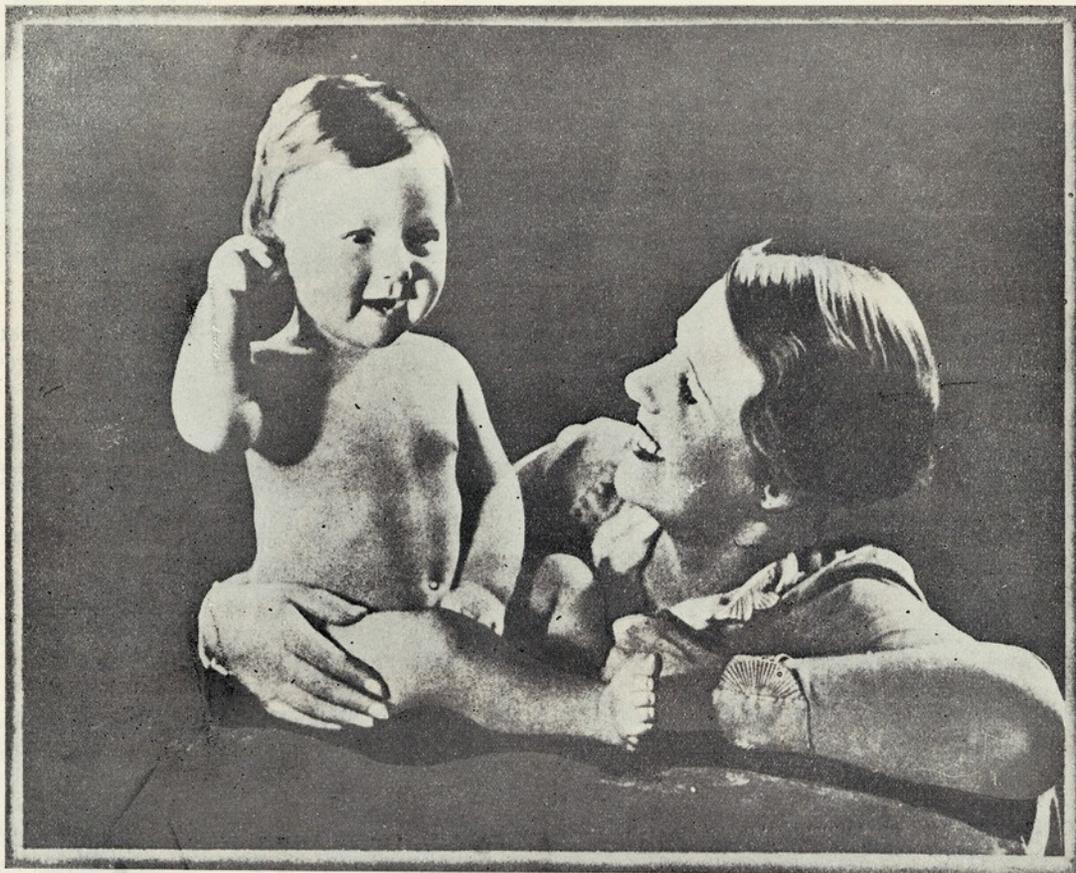
Peão Lopes
Taxidermista do Museu

Um soberbo casal de Bufalos.

Serpentário atacando uma cobra cuspideira

Uma familia de leões. Pais e filhos banqueteiam-se com o produto do seu trabalho.

Porco formigueiro e pangolins procurando a sua alimentação.

O Museu foi instituido em 1913, pelo Governador Sr. Dr. A. Ferreira dos Santos, instalado na Vila Joia» em 1916 pelo Governador Sr. Dr. Alcaro de Castro, inaugurado oficialmente em 1924 pelo Governador Sr. Dr. Moreira da Fonseca, anexado ao Liceu de 5 de Outubro em 1928 e instalado no novo edificio em 1933 pelo Governador Coronel Sr. José Cabral.

Nas mudanças de estação...
convem tonificar o organismo!

. . . principalmente o das creanças.

E' indispensavel, porem, devido á sua compleição delicada e estomago sensivel, escolher cuidadosamente os alimentos. Não se confundam:

O mais rico — que não é um passageiro estimulante, mas sim um poderoso reconstituinte — o mais rapidamente assimilavel e facilmente digerivel, é a OVOMALTINE.

N. B. — *Nos casos de anemia, insónias, esgotamento, gravidez e amamentação, a OVOMALTINE é tambem altamente aconselhavel.*

AGENTES:

F. BRIDLER & Ca., Ltd.

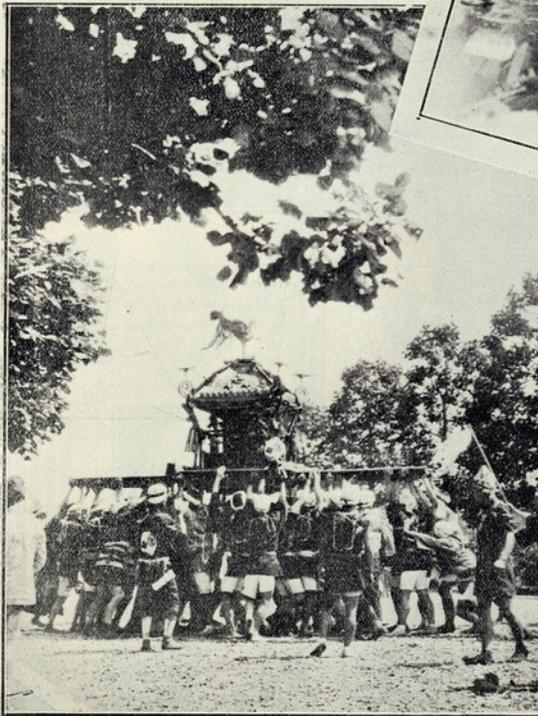
CAIXA POSTAL 65 — LOURENÇO MARQUES

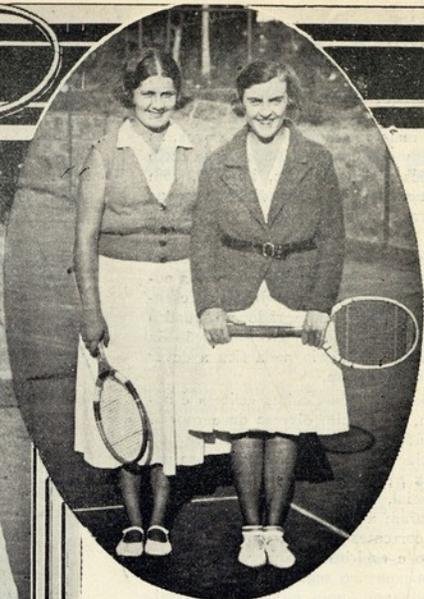
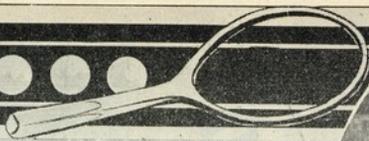
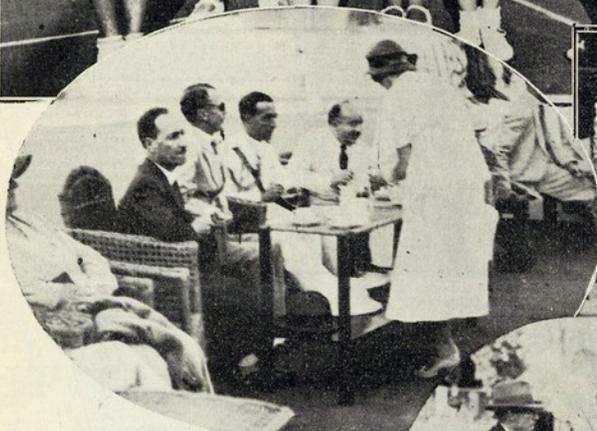
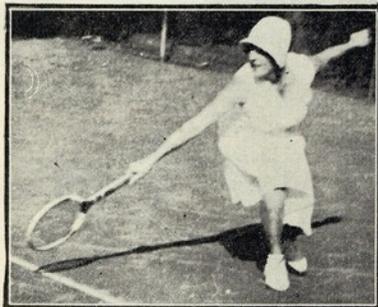
JAPÃO

Apesar das incontestaveis e profundas influencias da civilização europeia — influencias que, como já aqui dissemos uma vez, se têm feito sentir imenso nos seus costumes — o Japão mantem, mais que muitos outros povos, as suas tradições muito caracteristicas. Povo cheio de superstições e de crendices, implora, com frequencia, tambem, ás suas divindades, as benesses maravilhosas que espera para a sua terra...

A par desse passado de crenças, que constantemente areja e faz reviver com práticas populares e cortejos alegoricos, o Japão apresenta-se-nos perfeitamente integrado no quadro das civilizações modernas; e a organização da sua poderosissima industria nada fica a dever ás melhores do Ocidente.

A mentalidade das suas cultas «elites» é notavel tambem, mas muito diversa da europeia. Cheias de avidez de coisas novas, têm-se deixado influenciar de uma maneira espantosa pelas obras das grandes figuras do movimento literário mundial, mas raro se fixam — desde que abandonaram a sua literatura propria, secular — nas correntes mais harmonicas com o temperamento e espirito da sua raça. Lemos, ainda há bem pouco, o seguinte: «Poderiamos citar, por cada ano, uma influencia especial, desaparecendo no ano imediato com a mesma febre com que nasceu. Assim, em 1894, o idolo era Tolstoi; em 1896, eram Sudermann e Hauptomann; em 1897 Maupassant, Zola e Hugo; em 1898, Tourguenef; em 1901, Nietzsche; em 1902, Gorki, Maeterlinck e Sienkiewicz; em 1903 Tchekoff e Wagner, etc.».

Actualmente, porém, das quatro escolas literarias, seguidas pelas «elites» niponicas e que têm, todas elas, os seus sequazes e admiradores, há uma — a Escola popular — que, na sua maioria, cultiva os motivos interessantissimos da tradição japonesa.

Em cima — *O novo e sumptuoso Budha, com vinte e dois braços, que os japoneses acabaram de colocar num templo de Tokio para que ele espalhe a prosperidade por todo o país.* Ao centro — *Um curioso cortejo alegorico, reconstituindo a vida da Edade-Média, realizado, em Tokio, por ocasião do 60.º aniversário da guarda do corpo imperial.* Em baixo: á direita — *Uma encantadora geisha d'Osaka transportada no seu pitoresco palanquim ao templo de Ebisu, deus do comercio* A' esquerda — *O «Mikoshi» — reliquia portatil — transportado na sua cerimonia anual, pelas ruas da cidade, entre os votos dos nativos que dele esperam, para os seus lares, as graças divinas.*

TÉNIS

As finalistas do campeonato «singles». — A' direita Miss Skeels, vencedora, à esquerda Miss De Gruyter, segunda classificada.

Ao centro — *Trez aspectos da assistencia do sr. encarregado do Governo, tenente-coronel Zilhão, ao campeonato de «singles», vendo se no da direita S. Ex.ª entre as vice-consuleza e vice consul de Inglaterra, Mr. e Mrs. Carse.*

No dia 20 de Maio tiveram logar nos «courts» do L. M. Lawn Tennis Club, as finais do campeonato anual deste club em «singles» tendo saído vencedores no de senhoras Miss Skeels e no de homens, Mr. R. W. Garbutt.

Em cima — *Algumas das senhoras concorrentes ao campeonato. Da direita para a esquerda: Mrs. Bayly e Turner, Miss De Gruyter, Mrs. Ironsid e Mac Dolnan e Miss Skeels.*

Misses Skeels e De Gruyter, na mudança de campo. Dos lados: duas fases das finalistas em jogo.

(Clichés Henrique Alcobia)

Ultimas Modas

A' direita — *Muito elegante e chic é este conjunto parisiense constituido por um chapelinho de palha preta forrado e guarnecido com fita encanastrada preta e branca, sendo a mesma fita usada tambem para o grande laço-borboleta em volta do pescoço.*

Em cima — *Aplicação de um produto inventado em Nova York que dá aos cabelos a côr de ouro, prata ou cobre, conforme o desejo das elegantes.*

Em baixo — *A' esquerda: Pijama mexicano. Elegante fantasia para a praia, de setim branco estampado e bolero preto. Ao centro: Um lindo modelo de casaco da casa «Joseph Paquin» de Paris, cinzento claro com cabeção guarnecido com pele de raposa e ligando á frente com um grande laço preto. As mangas são de desenho interessante, tambem guarnecidas a preto. A' direita: Um belo fato de banho de tricot branco e castanho.*

JOÃO CHAGAS

jornalista e homem público

Oito anos são passados sobre a sua morte. Foi num dia de Maio, deste Maio creador em que o sol aquece as flores e lhes dá vida.

Falar de João Chagas é invocar uma época de nobres sacrificios em prol da liberdade. É recordar o gigantesco, o vibrante lutador intelectual do regime republicano.

Não pretendemos fazer aqui o seu panegirico. Para tanto nos falta capacidade. Apenas desejamos recordar o seu nome, porque foi ele um lutador cuja memória todos devemos recordar com gratidão.

João Chagas foi o maior panfletário do seu tempo. O seu desassombro, a sua vontade heroica e o seu estilismo, fizeram dele um dos maiores germes destruidores do antigo regime.

O que saía da sua pena, fascinava, e era como chispas iluminando o caminho para uma mais perfeita renovação dos destinos da sua terra.

«Tinha os dons de discernir, as prestezas e graça da expressão, as acuidades de presentimento, as faculdades de definir e estabelecer, e era farto e luzidio o arsenal dos apetrechos de acção: o verbo e a escrita, a presença e o gosto, o garbo e o denodo» — assim o comenta Alfredo Mesquita.

A Revolução de 31 de Janeiro de 1891, encontra nele tudo quanto se pode exigir dum lutador. É preso, atirado para o porão dum barco de guerra, submetido a conselho de guerra e degredado. Mas tudo sofre com estoicismo. Ninguem o excede em abnegação.

Na solidão do degredo, procura, na faina intelectual da propaganda da santa causa que o impulsiona, o lenitivo das suas amarguras.

Volta a Portugal e desenvolve uma intensa propaganda. A monarquia teme-o. Jámais alguem o iguala como jornalista vigoroso e perfeito. Conspira sempre, num entusiasmo ardente e romantico. Não pára.

Nenhum republicano digno deste nome poderá esquecer a audaz tenacidade que definiu esse periodo heroico das «Cartas Politicas» e dos artigos no «Mundo».

A todas as vilas e aldeias levavam elas a doutrina duma aurora resplandescente.

«E assim esta engenhosa idea, tão espirituosamente graciosa e arrogante, derramava no povo que não sabia ler, mas sabia escutar, a palavra de ouro desse apostolado». — Alfredo Mesquita.

Foram rastos de luz que iluminaram a alma do povo, e constituiram um dos mais certeiros golpes vibrados na monarquia.

Surge o 28 de Janeiro (1908). Mais um sonho; mais um arremesso frustrado.

João Chagas entra de novo no cárcere, mas a fé no ideal prossegue nele como o clarão do triunfo.

Proclamada a republica, Chagas coloca-se á margem dos partidos. Para ele a politica partidária era um quidam caracterizado por ambições mesquinhas.

João Chagas viu logo após povoar-se os partidos de individuos vindos do antigo regime, sem devoção republicana, e que apenas pretendiam satisfazer os seus interesses. Repugnava-lhe misturar-se com aqueles que estoicamente combatera. Era bem decisiva a sua formula: «a Nação para todos, e o Estado republicano». E depois se verificou quão prejudicial foi para a Republica, os partidos aceitarem nas suas fileiras individuos que sómente

(Desenho de Vilela)

tinham de republicanos o rotulo, afastando-se os sinceros e desgostando-os até ao insulto, para que aqueles — os falsos — tivessem o predominio e preparassem a obra de descredito que ia subvertendo a Republica e a tornou quási uma ficção.

João Chagas é então mandado a França como representante de Portugal, sendo recebido na grande Republica com o acolhimento reservado aos homens de superior hierarquia intelectual, afirmando-se um diplomata de mérito, o que lhe dá ensejo de poder prestar á Republica novos e assinalados serviços.

Vivia o novo regime um momento dificil. Na Europa tinha causado viva impressão a queda da monarquia. Mal compreendiam que um minusculo povo, atravez de todos os perigos, abolisse um regime oito vezes secular. Ás nações, nesse tempo ainda sob a soberania tradicionalista, assustava-as, que, nesse pequeno povo de descobridores, com uma historia gloriosa, florescesse o novo sistema. João Chagas consolida a Republica perante a França, e cria para o seu país uma auréola, que só a sua inteligencia e o seu nome ilustre nessa historica conjuntura poderiam alcançar.

A obra deste homem pela causa da Republica, foi formidavel. Quer no campo intelectual, quer como revolucionário. Numa luta porfiada e intensa, foi ele, não sendo talvez exagero afirmar-se, dentre os seus mais prestigiosos obreiros, o espirito mais combativo e um dos que maiores privações sofreu para que o seu sonho idealista — a Republica — fosse um dia uma realidade.

Foi por vezes implacavel e injusto na maneira como julgava os homens, alguns seus companheiros de lutas e que, como ele, tinham passado martirios. Mas é que a sua consciencia não conhecia limites nem preconceitos: julgava segundo o libelo que ela lhe determinava, sem olhar a consequencias, nem guardar conveniencias.

No seu «Diário», tão discutido, a par de muitas verdades, perpassa o despeito e o desdem com que olhava aqueles que tornara culpados, mercê de erros e ambições, e de transigencias com os inimigos da Republica, desta não ter levado a cabo a obra sonhada e propagada pelos seus caudilhos.

A Republica não se republicanisára e João Chagas via, com amargura, não se efectivarem as grandes e profundas reformas que a deveria tornar num verdadeiro governo do povo, ocupando-se alguns dos seus homens, a quem cumpria prestigiá-la, em dissenções e questões meramente pessoais e sem idealismo, traindo-se os principios da revolução e obliterando-se a obra da propaganda.

Isto porém não quer dizer que a republica não tenha uma obra. Muita coisa se fez, mas muito mais ficou por fazer; e um dos motivos que a isso obstou, foi ter-se permitido que continuassem nos postos de confiança, funcionários que tinham servido a monarquia e eram reconhecidamente monarquicos, não ocultando, até mesmo, muitos deles, o seu ódio á Republica.

João Chagas foi emfim um grande cidadão, um notavel jornalista e um dos caudilhos republicanos que mais cavou os alicerces do antigo regime.

Recordar hoje o seu nome — dia do aniversário da sua morte — é render-lhe a homenagem que merece e cumprir um dever.

28-V-933.

G. Edmundo de Andrade.

Uma semana de Lourenço Marques

como a viu Fernando Baldaque e como a desenhou Santana

Domingo: Tlim, tlim! — Dia de campainhas. Tlim, tlim! das 6,30 ás 10,30, os sinos tocam, chamando á missa as Mlles., as Misses e as Tombazanas, que avançam em boa ordem para a Paroquial, para a Munhuana e para Lhanguene, onde as esperam á saída os peraltas, os Fafetines e os Sabões.

Tlim, tlim, «Piqueninos», de campainha em punho, tilintam chamando o povo para os leilões do Zé Marques, do Tomé e do Pegado.

Aspira-se a brisa da praia. Há toldos, há cadeiras e há «flirts». Almoça-se caril de galinha ou de caranguejo. Pela tarde, nos cam-

pos desportivos, há «shoots» onde as bolas dos Ferro-vias sopram no ar como o silvo das locomotivas, e onde os do Sporting se atiram como leões!

Há «matinées» cinematográficas.

Pelo bater das vinte horas há musica na «band square».

Um eléctrico cai nos braços dum Fiat.

* * *

Segunda-feira: dia de preguiça. As dactilógrafas dizem, umas ás outras, o entrecho das fitas que viram na véspera, contam os papo-sêcos que as olharam, e os funcioná-

rios espreguiçam-se, cansados do tanto trabalho que lhes deram os almoços em Marracuene, na Namaacha e na Catembe.

Tudo se deita muito cedo para equilibrar as energias despendidas.

«Piqueninos», «Sabões» e «Fafetines» são levados á cadeia por terem tomado «ocanho» a mais da medida.

Um triste transeunte que ia a pensar numa cambial de «quinhenta» para mandar para a Metropole atropela um machimbombo da Polana!

* * *

Têrça-feira: Dia um pouco pálido, fazem-se algumas compras nas liquidações do John Orr, extasia-se a vista perante os sapatos das montras do Fabião e compram-se brindes para casamentos na Rubi.

Pela noite vai-se de peregrinação até ás estreias do cinema, que o Jorge Figueiredo e o Moura reclamam com 1225 adjectivos.

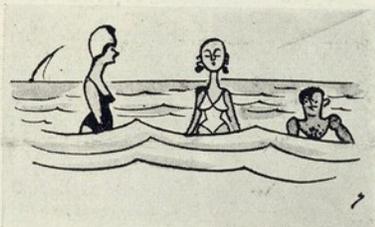
Um poste de iluminação que, teimoso, se

não quis afastar da rua, foi chocar com o omnibus do Alto-Maé.

* * *

Quarta-feira: Tudo pensa que é «quarta-feira á tarde» e não faz compras.

Fecha o comércio e o B. N. U.

As caixeirinhas tomam banho na Polana

e os seus galans vão mirá-las gulosamente.

Há matinées no Scala mais baratas para crianças e militares sem graduação.

Uma bicicleta atrevida atropela um taxi que vinha a 793 milhas á hora.

* * *

Quinta-feira: Manhã mais alegre. Há Conselho do Governo, onde o sr. Ismael Costa apresenta 47 propostas.

Todos os dias..

Para variar o sr. Santos Gil atira com os filhos da Colónia para os braços do sr. San-

tos Vieira, que, recalcitrando, lhe atira ao seio os filhos da Escola Colonial.

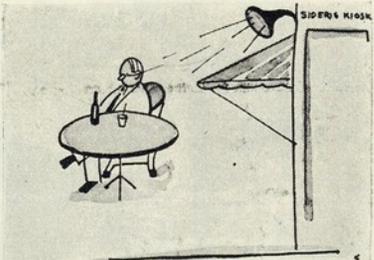
Lêem-se cartas da familia.

A banda, na Praça, toca o Burrié.

Uma casuarina, arreliada, suicida-se atirando-se para a frente duma moto que atravessava a Connaught a 924 milhas por segundo.

* * *

Sexta-feira: Dia de peixe. Assam-se sardinhas vindas da Metrópole, regadas com o verdasco do Líbio Martins.

Pela noite há rádiodispersão.

Enche o Sideris.

Um Thornicroft é atropelado por um Fafetine na rua 1.º de Maio...

* * *

Sábado: O funcionalismo regosija. Não se trabalha depois do almoço.

O B. N. U. tambem não abre.

Há musica na Praia e muitos automoveis entre as baias de giz.

Joga-se o «tennis» no Grémio Militar, no

Náutico, no Jardim, na Associação...

Pensa-se nas passeatas de domingo.

Preparam-se as espingardas para a caça.

O fiscal abre o luzio.

Á noite a batota só dá «baccarats» para dentro.

Um carrinho de «ice-cream» rebenta com a lata dum Ford!

Finis Laus Deos!

A TAÇA DE INGLATERRA

em futebol associação

foi disputada em 29 de Abril findo, no estádio de Wembley, em Londres, entre o Everton e o Manchester City, perante uma assistencia de 90:000 pessoas!...

Uma enorme multidão conjluiu a Londres, percorrendo a cidade, aglomerando-se nas ruas e praças principais e amontoando-se para assistir, sacramentalmente, ao render da guarda em White Hall.

O Everton ganhou por 3-0, um «score» pouco vulgar na final da Taça. A gravura mostra-nos Dixie Dean, o famoso «goal-getter» entrando impetuosamente nas rêdes para marcar o 2.º goal.

Pela primeira vez os jogadores apareceram numerados.

A Taça foi entregue aos vencedores pelos Duques de York.

O Everton ganha a Taça pela 2.ª vez, sendo a primeira em 1906, batendo o Newcastle United por 1-0. Foi esta a 5.ª vez que disputou a final.

Por sua vez, o Manchester City disputou a sua 3.ª final, tendo ganho a Taça em 1903-1904, contra o Bolton Wanderers, que bateu por 1 0.

O «score» de 3 0 não se verificava na final da Taça desde 1914, no encontro Sheffield Chelsea.

Guerra sino-japonesa

Aquela guerra, que não era guerra... — mas que já o era antes de ser... — parece, afinal, que sempre foi uma guerra... Ou, então, o armisticio e a paz, de que nos fala agora o telégrafo, não são, de facto, nem paz nem armisticio... mas qualquer outra coisa que se não sabe o que seja...

Durante mais de dois anos, chineses e japoneses se bateram e massacraram mutuamente; mas o agressor — o Japão — não se cançou de dizer, em todos os tons, perante a conspicua e solene Sociedade das Nações, e perante todo o mundo, que aquilo a que chamavam guerra... não era guerra... E a circunspecta Sociedade — a grande... «blague»... — parece que intimamente achou graça á «blague» niponica; e, fazendo vista grossa perante os... «estalinhos» sino-japoneses do grande arraial do Extremo Oriente..., encolhia os ombros e comentava, austera: «Os japoneses têm razão. Aquilo não é guerra... Que se... divirtam»...

Dir-se-ia que os bombardeamentos, os massacres, a destruição de povoações, os incendios e as pilhagens, não passaram de... «desenhos animados» duma moderna e deliciosa decoração de exoticos biombos, ou de imagens, incorporeas e imponderaveis, nascidas de algum sonho opiado e excentrico...

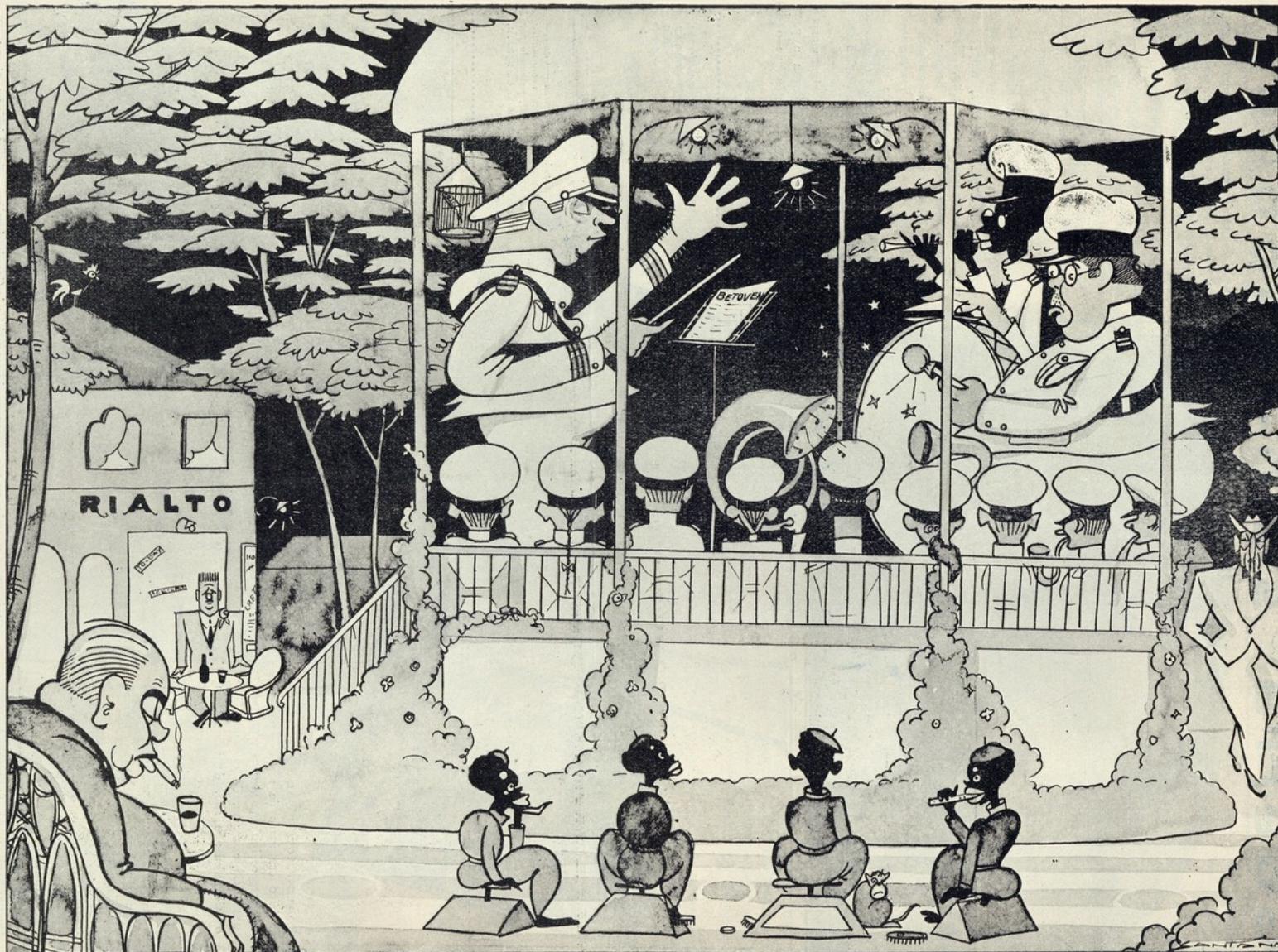
... Todavia...

... O telégrafo, nos ultimos dias de Maio, acordou o mundo desse sonho e veio dizer-nos que as tropas japonesas, numa forte arremetida, tomaram, de assalto, Tientsin, entrando, pouco depois, em Pequim, que ocuparam. A seguir ao que os chineses pediram a paz e se procedeu ao armisticio... Afinal, na verdade, parece que sempre era uma guerra... A não ser que nos enganemos muito, e seja a Sociedade das Nações quem tem razão.

Apresentamos, nesta página, alguns aspectos desse... sonho que até chegou a parecer uma realidade... Os chineses que o digam...

Uma brigada japonesa apodera-se, no meio dum grande entusiasmo, duma antiga fortalesa da Grande Muralha Chinesa, nas proximidades de Kupeikou.

Para o front do Jehol — Tropas chinesas defendendo esta provincia contra a invasão japonesa — Camelos de transporte carregados com mantimentos para o front, passando por uma aldeia proximo de Chengtchfu, capital da provincia.

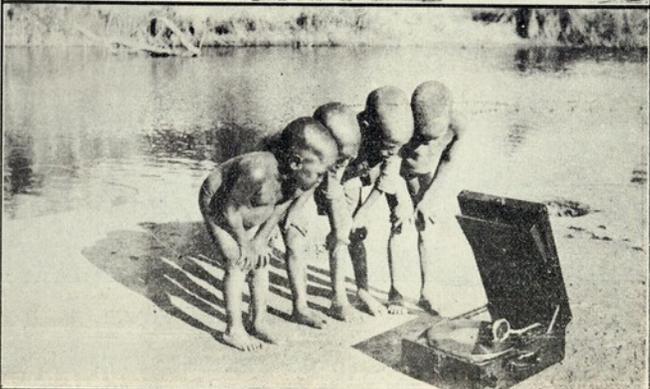
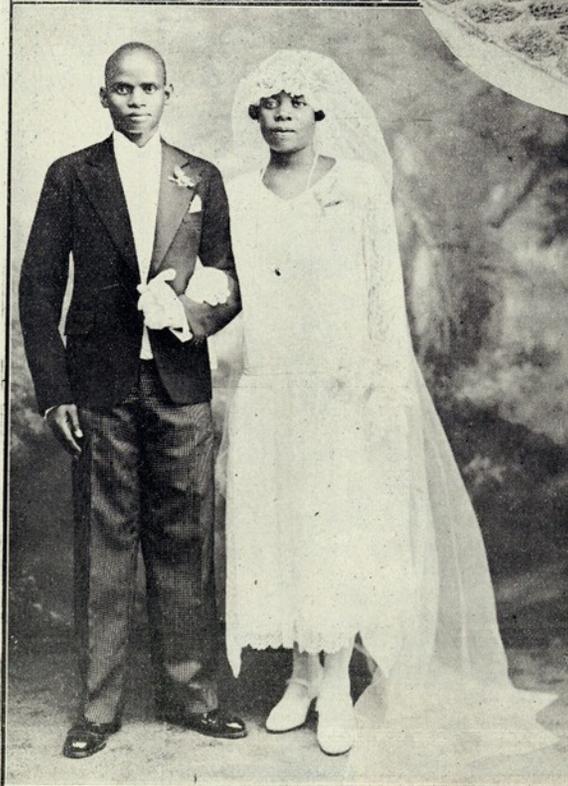
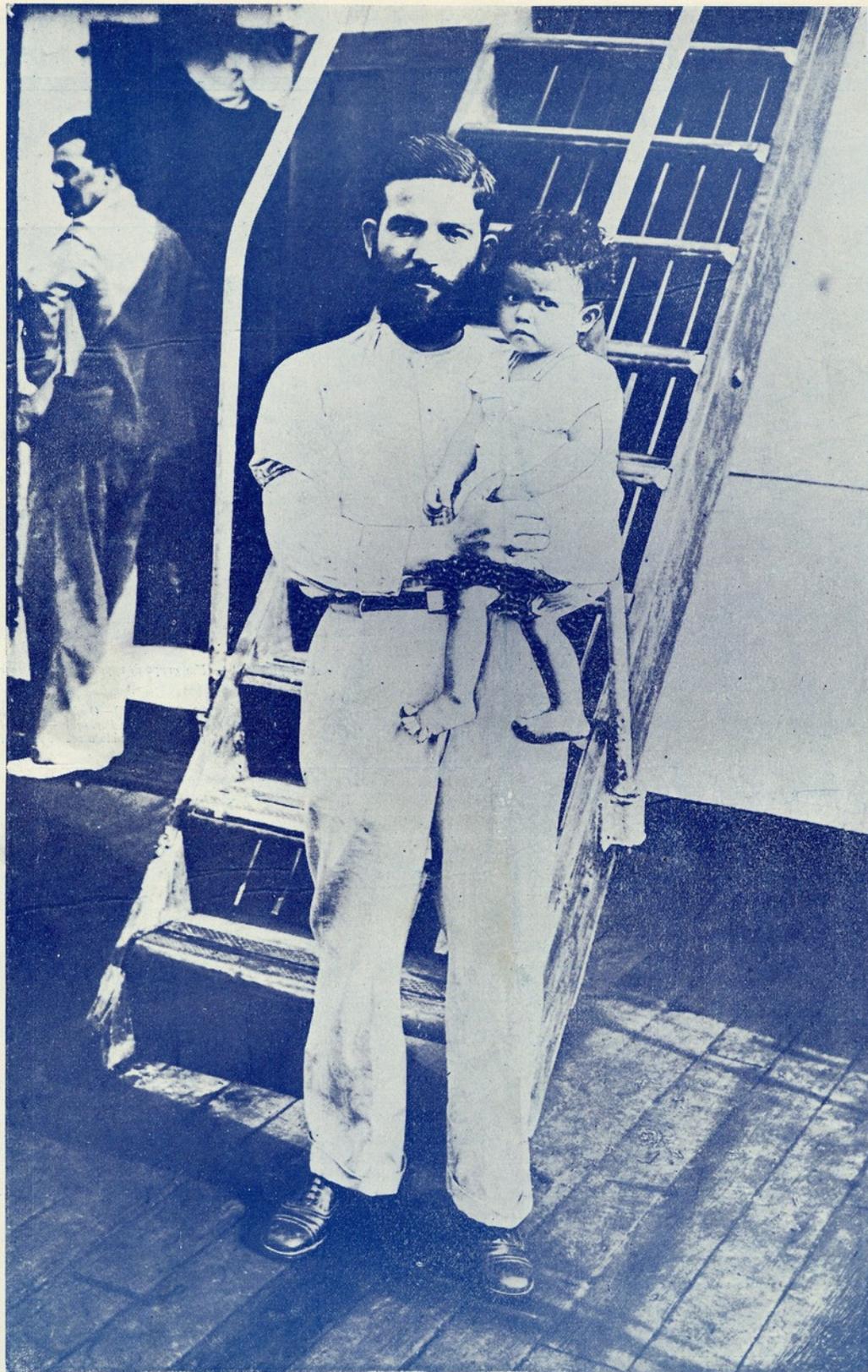
Os japoneses empenham-se por ocupar as ultimas posições da Grande Muralha. — Tropas japonesas atravessando a região desertica com o fim de atingirem Lingyeran.

Na Praça 7 de Março

Quando a Banda toca, ás quintas-feiras, os «graxas» fazem greve,... e tudo fica hipnotizado...,

PAGINA INDIGENA

Quatro aspectos do mercado de Chipamanine

A' DIREITA — Um grupo de raparigas de Angoche.

EM BAIXO (à esquerda) — O efeito marcante da acção civilisadora de Portugal — A' direita — A' beira-rio, ouvindo a voz do seu civilisador.

Manuel Paiva

deportado politico, vindo de Timor, que levou, na sua companhia, para a Metropole, um filho mestiço, viva recordação duns anos de exilio.